

EMPRESÁRIOS APROVAM ACERTO

Reatamento com a comunidade financeira atrairá novos investimentos no País

Uma constatação é unânime entre os empresários: fechado o acordo com os bancos credores, o Brasil se reintegra à comunidade financeira e volta a se capacitar para receber investimentos externos. Para o vice-presidente do Citibank, Alcides Amaral, o País poderá captar ainda mais recursos do que o México após a reestruturação da sua dívida. Elogiado também entre os políticos, o acerto com os bancos recebeu críticas do presidente do PMDB, Orestes Quêrcia, convencido de que o governo fechou "um acordo sem privilégios". A seguir, as opiniões de empresários, políticos e sindicalistas:

Alcides Amaral, vice-presidente do Citibank no Brasil: "As condições dadas ao Brasil para complementar o valor das garantias são uma exceção no âmbito do Plano Brady. O Brasil tem condições de superar facilmente o volume de recursos que o México conseguiu atrair após

o segundo ano do acordo (US\$ 10 bilhões)."

Delfim Netto, ex-ministro e deputado federal (PDS-SP): "O acordo da dívida externa foi o melhor possível, recoloca o Brasil no mundo e representa uma mudança radical em relação à política imbecil que existia antes, quando se fez a moratória, pensando que o Brasil poderia ficar trocando tudo e quebrar o sistema financeiro mundial."

Luiz Antônio Fleury, governador de São Paulo: "Foi um passo importante. Pode trazer novos investimentos do Exterior e contribuir para o fim da recessão no País."

Miguel Jorge, vice-presidente corporativo da Autolatina: "O acordo dá mais segurança às empresas estrangeiras que pretendem manter seus investimentos no País."

Olacyr de Moraes, do grupo Itamaraty: "Qualquer fato que traga alento para a economia é importante, porque ame-

niza os problemas políticos. Mas não vamos colocar esse acordo como a salvação do governo: foi uma coisa boa, mas salvação, não."

Edson Vaz Musa, presidente da Rhodia: "O Brasil tem há muito tempo três sérios obstáculos a vencer: o controle da inflação, a reforma constitucional e a renegociação da dívida externa. Acabamos de ultrapassar o primeiro deles, e restam agora os dois primeiros."

Luiz Antônio Medeiros, presidente da Força Sindical: "A medida só será positiva se trazer investimentos e empregos. Ela terá que ser acompanhada de vontade política pra acabar com a recessão e com a inflação, que continua na casa dos 22%."

Pedro Eberhardt, presidente do Sindipeças: "Só um homem com a respeitabilidade do ministro Marçílio conseguiria uma façanha dessas em meio a tamanha crise política."

Orestes Quêrcia, presiden-

te do PMDB: "Acho que foi positivo, embora tenhamos assinado um acordo sem privilégios, um acordo de país pobre e endividado."

Mário Amato, presidente da Fiesp: "Não há mais por que ficar criando fantasmas. O importante agora é trabalhar para recuperar o tempo perdido."

Hélio Garcia, governador de Minas Gerais: "O acordo recoloca o País no contexto internacional e reabre o crédito externo, elemento essencial à retomada do crescimento econômico."

Eduardo Modiano, presidente do BNDES e da comissão diretora do programa de desestatização: "O acordo vai dar maior segurança aos investidores estrangeiros, inclusive os que já se encontram no País. O fato em si de haver um acordo internacional já é um elemento propulsor dos investimentos estrangeiros e do programa de privatização."